



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**GEANE VIEIRA DE LIMA**

**A LITERATURA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**GUARABIRA – PB  
2022**

GEANE VIEIRA DE LIMA

**A LITERATURA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de História da  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em História.

**Área de concentração:** História, Ensino e  
Currículo.

**Orientador:** Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**GUARABIRA – PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732I Lima, Geane Vieira de.  
A literatura indígena no ensino de História [manuscrito] :  
uma proposta metodológica para a sala de aula do ensino  
fundamental II / Geane Vieira de Lima. - 2022.  
35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,  
Departamento de História - CH."

1. Literatura Indígena. 2. Ensino de História. 3. Proposta  
metodológica. I. Título

21. ed. CDD 372

GEANE VIEIRA DE LIMA

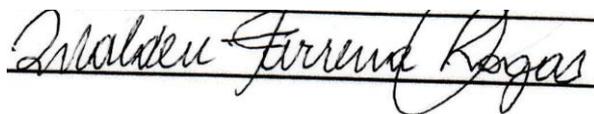
**A LITERATURA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

**Área de concentração:** História, Ensino e Currículo.

Aprovado em: 14 /11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



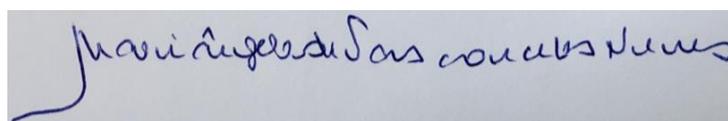
---

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)  
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa (Examinadora)  
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Mariângela de Vasconcelos Nunes (Examinadora)  
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe, Maria Vieira, pelo incentivo aos meus estudos.

À minha irmã, Jaqueline Vieira, pelo apoio e por estar sempre ao meu lado.

Ao professor Waldeci Ferreira Chagas, pelos ensinamentos valiosos, por toda atenção e dedicação ao longo dessa orientação.

À banca examinadora pela leitura e contribuição.

Aos professores/as e à coordenação do curso de História do Campus III.

À secretária Rilane, pelo auxílio e atenção.

Estendo meus agradecimentos às amigas que adquiri ao longo do curso, Taís Almeida, Daiana Lima, Maria das Graças Almeida, Savanna Nauana e Marília Gabriela.

“A nossa literatura contemporânea é um dos instrumentos que dispomos também para refletir acerca das tragédias cometidas pelos colonizadores contra os povos indígenas; a literatura é também um instrumento de paz a fim de cantarmos a esperança de que dias melhores virão para os povos indígenas no Brasil e em outras partes do mundo”.

(Graça Graúna)

## RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a literatura produzida pelos povos originários. Buscamos mostrar como essa literatura, ao ser utilizada no ensino de História, pode contribuir para a valorização das culturas originárias e para a desconstrução dos estereótipos que giram em torno desses povos. Para tanto, apresentamos uma proposta metodológica utilizando as obras *A Cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara, e *Meu Lugar no Mundo* (2005), de Sulami Katy, ambas direcionadas aos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II no componente História. O estudo foi desenvolvido por meio de uma metodologia de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico. Como fundamentos teóricos, utilizamos os estudos desenvolvidos por autores/as originários/as que discutem a sua cultura, como Graça Graúna (2012), Kaká Werá Jecupé (2020), Daniel Munduruku (2018), e também de autores/as não originários/as que trabalham com o tema e dão visibilidade à causa desses povos, como Janice Thiél (2012), Sueli de Souza e Alcione Pauli (2015), dentre outros. Verificamos a importância de o/a professor/a buscar estratégias para trabalhar com as obras da literatura dos povos originários no ensino de História. Essa literatura, ao abordar temáticas da história e das culturas desses povos sob uma nova perspectiva, diferente da que foi tradicionalmente transmitida, ajuda a despertar o senso crítico-reflexivo dos estudantes, colabora, assim, para que haja transformação do sujeito, e que esse transforme a sociedade.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena. Ensino de História. Proposta metodológica.

## RESUMEN

El presente trabajo discute la literatura producida por los pueblos originarios. Buscamos mostrar cómo esta literatura, cuando es utilizada en la enseñanza de la Historia, puede ayudar en la valorización de las culturas originarias y en la deconstrucción de los estereotipos que giran en torno a estos pueblos. Por lo tanto, presentamos una propuesta metodológica utilizando las obras *A Cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara, y *Meu Lugar no Mundo* (2005), de Sulami Katy, ambas dirigidas a estudiantes del 7° año de la Enseñanza Fundamental II de Historia. El estudio se desarrolló a través de una metodología de carácter cualitativo y bibliográfico. Como fundamentos teóricos, utilizamos los estudios realizados por autores originarios que discuten su cultura, como Graça Graúna (2012), Kaká Werá Jecupé (2020), Daniel Munduruku (2018), y también por autores no originarios que trabajan con el asunto dando visibilidad a la causa de estos pueblos, como Janice Thiél (2012), Sueli de Souza y Alcione Pauli (2015), entre otros. Verificamos la importancia de que el maestro busque estrategias para trabajar con las obras de literatura de los pueblos originarios en la enseñanza de Historia. Esta literatura, al tratar los temas de la historia y las culturas de estos pueblos desde una perspectiva nueva, distinta de aquella que tradicionalmente se transmitía, ayuda a despertar el sentido crítico reflexivo de los estudiantes, contribuyendo para la transformación de la persona, y que ésta transforme la sociedad.

**Palabras clave:** Literatura Indígena. Enseñanza de la Historia. Propuesta metodológica.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Myrian Krexu – Médica (Povo Guarani Mbya).....	20
Figura 2 – Francisco – Professor (Povo Apurinã).....	20
Figura 3 – Samara – Advogada (Povo Pataxó).....	21
Figura 4 – Érick – DJ (Povo Terena).....	21
Figura 5 – Ítalo – Cineasta (Povo Laklãnõ-Xokleng).....	21
Figura 6 – Daniel Munduruku – Escritor e professor (Povo Munduruku).....	21
Figura 7 – Eliane Potiguara – Escritora (Povo Potiguara).....	22
Figura 8 – Sulami Katy – Escritora (Povo Potiguara).....	22
Figura 9 – Ilustração da obra I.....	24
Figura 10 – Ilustração da obra II.....	27
Figura 11 – Ilustração da obra III.....	29
Figura 12 – Ilustração da obra IV.....	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A LITERATURA INDÍGENA E O ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>16</b>
<b>4 PROPOSTA METODOLÓGICA COM AS OBRAS <i>A CURA DA TERRA</i> (2015), DE ELIANE POTIGUARA, E <i>MEU LUGAR NO MUNDO</i> (2005), DE SULAMI KATY.....</b>	<b>19</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os povos originários, denominados pela historiografia oficial de indígenas, são múltiplos, diversos, ricos em culturas, e estão presentes ativamente na História do Brasil, embora nem sempre reconhecidos e valorizados. Em decorrência disso, a atuação desses povos foi invisibilizada e versões deturpadas foram disseminadas pelo discurso oficial. Em vista dessa estratégia, as suas imagens foram atreladas a estereótipos negativos, tais como selvagens, canibais, figuras exóticas. Essa perspectiva, durante muito tempo, foi a única transmitida no contexto escolar.

No ensino de História, em específico, a presença dos povos originários ficou restrita a episódios isolados, tais como o período da colonização, dando a ideia de que eles eram seres totalmente passivos, que acataram e não reagiram às ações dos colonizadores.

Com as modificações ocorridas no cenário educacional, principalmente a partir da Lei 11.645 de março de 2008, que tornou obrigatória a implementação da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos currículos da escola da educação básica, essa visão vem lentamente se transformando, mas ainda há muito a ser feito para que a história dos povos originários seja vista e discutida sobre outros vieses.

Dentro desse contexto, a Literatura Indígena é uma fonte de fundamental importância para se discutir a história e as culturas desses povos. Considera-se que essa literatura é produzida especificamente por autores originários, e surgiu a partir da oralidade, ou seja, através das histórias que eram e são contadas e recontadas pelos seus idosos às crianças e jovens na contemporaneidade.

Posteriormente, com a necessidade de se preservarem as suas memórias, passou a ser também registrada pela escrita e publicada. Assim, segundo Janice Thiél (2012), desde o século XVIII, há no cenário norte-americano, registros de produções escritas pelos povos originários. Contudo, foi a partir dos anos de 1960 do século XX, que, atrelada à visibilidade conquistada pelos movimentos políticos de tais povos, a literatura ganhou impulso. No Brasil, essa literatura começou a ser publicada a partir de 1990, tanto por meio de ações coletivas quanto de forma individual.

Pensando nessas questões, este trabalho apresenta como tema a Literatura produzida pelos povos originários, denominada de Indígena, que pode ser usada no ensino de História. A escolha de trabalhar com este tema justifica-se por acreditarmos que esses povos, bem como a sua literatura, que dá ênfase às suas histórias e culturas, necessitam de maior visibilidade, tanto no contexto da educação básica, quanto no cenário acadêmico, uma vez que sabemos

muito pouco ou nada sobre a literatura desses povos. Acreditamos que a Literatura Indígena pode contribuir de forma prazerosa e significativa para a construção de novos conhecimentos, colaborando com a desmistificação da história eurocêntrica que foi tradicionalmente disseminada sobre esses povos no contexto escolar.

Além disso, o interesse pelo tema foi despertado ao longo do curso de História. Ao cursar o componente curricular “História da África”, foi possível conhecer um pouco a respeito da história do continente e dos povos africanos, despertando para uma nova visão em relação a eles, percebendo o quanto as imagens e versões conhecidas no decorrer da educação básica eram distorcidas. Do mesmo modo, após cursar o componente curricular “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, foi despertada a curiosidade de procurar conhecer mais sobre a literatura desses povos, e de como essas produções poderiam modificar as perspectivas dos alunos e despertar o seu senso crítico a partir do contato com elas no ensino de História.

Desse modo, o nosso objetivo geral é discutir como a Literatura Indígena, ao ser utilizada no ensino de História, pode contribuir para a valorização das culturas originárias e para a desconstrução dos estereótipos que giram em torno desses povos. Como objetivos específicos destacamos: refletir sobre a Literatura Indígena Brasileira; discutir sobre a importância da Literatura Indígena no ensino de História; apresentar uma proposta metodológica utilizando as obras *A Cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara, e *Meu Lugar no Mundo* (2005), de Sulami Katy, ambas direcionadas aos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II no componente História.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, utilizamos uma metodologia de natureza qualitativa, e quanto aos procedimentos técnicos utilizados é uma pesquisa de cunho bibliográfico que, segundo Gil (2002, p. 44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Diante disso, fizemos o levantamento bibliográfico de livros, artigos científicos, palestras e entrevistas de autores/as originários/as que discutem a sua cultura como temática, como Graça Graúna, pertencente à etnia Potiguara, Kaká Werá Jecupé, da etnia Tapuia, Daniel Munduruku, da etnia Munduruku e também de autores/as não originários/as, mas que trabalham com o tema e dão visibilidade à causa desses povos, como Janice Thiél, Sueli de Souza e Alcione Pauli, dentre outros.

Para o desenvolvimento da proposta metodológica destinada à sala de aula da educação básica, sobretudo o ensino fundamental II, as principais fontes que utilizamos foram as obras *A cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara, e *Meu Lugar no Mundo* (2005), de Sulami Katy. A escolha de trabalhar com essas obras se deve ao fato de essas escritoras serem

de origem paraibana e da etnia potiguara. Desta feita, o nosso intuito é apresentar a importância dessa literatura no ensino de História, e despertar nos estudantes do ensino fundamental II a curiosidade de conhecer a história e a cultura dos povos originários da Paraíba, por meio de tais obras e assim dar visibilidade à literatura indígena no ambiente escolar, de modo que aprendam e reconheçam os povos originários da região Nordeste como detentores e produtores de conhecimentos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Eliane Potiguara nasceu em 29 de setembro de 1950, no Rio de Janeiro, mas é filha de migrantes nordestinos, por isso sua origem étnica é potiguara. É professora, escritora, poeta, contadora de história, ativista indígena, e empreendedora social, é considerada a primeira escritora indígena do Brasil. Formada em Letras e Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e em Extensão em Educação e Meio Ambiente pela UFOP. Em 2011 foi nomeada embaixadora da paz em Genebra (Cercle Universal des Ambassadeurs de la paix – Genebra – Suíça), é fundadora da GRUMIN (Grupo Mulher – Educação Indígena). Em dezembro de 2021 recebeu o título de Doutora Honoris “honoris Causa” da UFRJ, e o título de Cavaleiro da Ordem do Mérito Cultural do Brasil pelo Ministério da Cultura. Possui sete livros publicados, são eles: *A Terra é Mãe do Índio* (1989), *Akajutibiro: Terra do Índio Potiguara* (1994), *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), *Sol do Pensamento* (2005), esse em e-book, *O Coco que Guardava a Noite* (2004), *O Pássaro Encantado* (2014), e *A Cura da Terra* (2015). Além disso, de 2000 até 2018 participou de várias antologias poéticas e coletâneas de textos.

Em *A Cura da Terra* (2015) são abordadas questões muito importantes, há uma reconstrução de acontecimentos do passado que faz refletir o presente e incentiva a construção de um futuro melhor. A obra apresenta no seu enredo a história de Moína, uma menina originária de etnia Potiguara que procura entender o sentido de sua vida e a razão de sua existência. Para isso, ela busca nos braços de sua avó ouvir uma história sobre seus antepassados para ter sonhos bonitos. Sua avó conta-lhe a respeito do sofrimento que foi causado ao seu povo no passado, explicando como ocorreu a invasão dos estrangeiros na aldeia de seus antepassados em busca de lucros por meio da plantação de algodão, como dominaram os antigos guerreiros e os escravizaram, e como com a vinda deles também vieram “os vícios, a maldade, a cobiça, a mentira, a competição e o egoísmo” (POTIGUARA, 2015, p. 17). Em consequência disso, houve muito sofrimento. A avó da menina explica-lhe

que “as mulheres adoeceram e ficaram tristes, não cantavam mais e nem pintavam os corpos, os homens competiam entre si e cada um queria ser melhor que o outro” (POTIGUARA, 2012, p. 17), como também houve uma divisão das famílias indígenas que viviam na aldeia. Assim, através da avó, Moína recebe um ensinamento, sua avó explica que foram as crianças as responsáveis por mudar o quadro de destruição em que a terra se encontrava, ela relata que, por meio das lágrimas, as crianças invocaram os espíritos dos curandeiros/as e com eles voltaram a reinar “a paz, saúde, amor, trabalho e a música” (POTIGUARA, 2015, p. 34). Explica ainda que essa força musical permanece até os dias de hoje por meio das danças sagradas que em círculo do amor cultivam a força ancestral. Dessa maneira, Moína descobre a sabedoria dos seus ancestrais e entende que por meio dos sonhos podem “criar, recriar e promover a cura da terra” (POTIGUARA, 2015, p. 34).

Sulami Katy é escritora indígena da etnia Potiguara, nasceu em 3 de abril de 1978, na aldeia da Baía da Traição em João Pessoa, Paraíba. Ainda cedo, Sulami deixou a aldeia e mudou-se para Campina Grande, Paraíba, para estudar. É autora de duas obras infantojuvenis: *Meu Lugar no Mundo* (2005), e *Nós Somos só Filhos* (2011).

Em *Meu Lugar no Mundo* (2005), a escritora faz um relato autobiográfico, por meio do qual descreve sobre a cultura de seu povo, fala sobre a sua infância e juventude na aldeia, relata como foi a sua fase de adaptação quando se mudou para Campina Grande, e também como a sua vida tranquila começou a se modificar quando recebeu a missão de deixar o seu lugar e ir para São Paulo, onde fez novas amizades e descobertas.

Essa pesquisa se insere na perspectiva historiográfica da Nova História Cultural. Assim, buscamos mostrar a história dos indígenas pela ótica cultural. Nesse sentido, Kaká Werá Jecupé, em *A Terra dos Mil Povos: História indígena do Brasil contada por um índio* (2020), nos apresenta a história dos povos indígenas sobre uma outra perspectiva, incluindo informações que foram apagadas da História do Brasil ao longo dos tempos, ou seja, o autor faz uma revisão da história colonial brasileira, mostrando também o lado da resistência desencadeada pelos povos originários, principalmente no que diz respeito às ações para expulsá-los dos seus territórios. Jecupé ainda enfatiza em sua obra as diferentes etnias existentes no Brasil, informando-nos como as diversas etnias, com seus saberes, práticas e conhecimentos estão presentes na construção da humanidade. No entanto, a ciência produzida pelos brancos tende a negar isso. Dessa forma, o livro de Jecupé apresenta questionamentos relevantes, tanto para serem abordados em sala de aula, quanto para serem discutidos no meio social e vivenciados, transformando, assim, o comportamento humano.

Outra autora relevante nessa discussão que apresenta uma nova visão sobre a história dos povos originários é Graça Graúna. Em seu artigo “Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto” (2012), essa pesquisadora destaca a questão da discriminação e o desrespeito que se fazem presentes no meio social contra os povos originários. Desse modo, Graúna chama a atenção para a diversidade desses povos presentes nas grandes cidades dos estados brasileiros, como, por exemplo, os povos existentes no Rio Grande do Norte, com 394 indígenas autodeclarados, e no Piauí, com 314, dentre outros estados. Segundo essa pesquisadora, os indígenas são invisibilizados pela FUNAI e não têm o devido reconhecimento social. Outro ponto ressaltado no seu estudo, diz respeito à produção literária dos povos originários. A literatura produzida por eles é considerada por Graúna um meio de reafirmarem seu lugar no mundo e as suas identidades, como também é considerada uma reação à colonização, ou seja, uma forma utilizada por eles para refletir acerca das tragédias cometidas pelos colonizadores contra os seus antepassados, mas que na contemporaneidade ainda se mantêm. Além disso, a literatura produzida pelos originários é uma maneira que eles encontram para divulgar a sua diversidade étnica e cultural, e compartilhar com os não originários a “história de resistência, as conquistas, os desafios, as derrotas e vitórias destes povos” (GRAÚNA, 2012, p. 275).

Atualmente, os autores e autoras originários vêm usando essa literatura, cada vez mais como uma forma de resistência e, por meio dela, estão buscando mostrar suas verdadeiras culturas e identidades a partir de suas perspectivas. Assim, se outrora a voz desses povos e, conseqüentemente, os seus escritos foram silenciados, hoje, com a possibilidade de divulgação e disseminação proporcionada pelo uso das tecnologias, sobretudo pela internet, essa literatura vem conquistando mais visibilidade. Com relação a essa questão, Daniel Munduruku (2018) chama a atenção para o fato de que os povos indígenas brasileiros vêm conseguindo conquistar a liberdade de se expressarem de modo gradual “por meio da ocupação de espaços na sociedade brasileira. Esses variados espaços têm testemunhado uma crescente e qualificada presença indígena. Tem sido na academia, nas artes, na mídia e na literatura” (MUNDURUKU, [s.p.], 2018).

A autora Janice Thiél, em sua obra *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque* (2012), defende a importância de trabalharmos com essa literatura em sala de aula, para que assim os estudantes possam perceber que os povos originários foram silenciados e invisibilizados.

Outro ponto relevante destacado para o qual a autora chama a atenção diz respeito à inclusão da história social e cultural dos povos originários. Thiél mostra que é de suma

importância a valorização deles, destaca o quanto é essencial formar leitores que sejam capazes de opinar e refletir, para que assim passem a perceber o lugar ideológico dos discursos produzidos ao longo dos tempos sobre esses povos.

Perspectiva semelhante apresentam as autoras Sueli de Souza Cagneti e Alcione Pauli no livro *Trilhas literárias indígenas para a sala de aula* (2015). Nessa obra, em formato de um diálogo entre as duas, as estudiosas apresentam uma discussão a respeito de como a literatura indígena pode ser trabalhada em sala de aula, de modo que possa atender à Lei n. 11.645/2008. Dessa maneira, as autoras apresentam questões que possibilitam rever conceitos de ritos, mitos e crenças originárias, descrevendo que a história não pode ser entendida sobre um único ponto de vista. Sueli e Alcione também discutem sobre a relevância que tiveram os movimentos organizados, como o Núcleo de Escritores e Ilustradores Indígenas (NEARIN) do Instituto Brasileiro de Patrimônio Indígena (INBRAPI), que em conjunto com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJ), ao promoverem concursos incentivam e impulsionam a literatura dos povos originários no mercado editorial, e também serviram como um incentivo para a escrita entre os diversos povos originários e o trabalho em sala de aula com essa temática.

Enquanto isso, as autoras Camila Nascimento e Sueli Regina, no artigo “Literatura Afro-Brasileira e Indígena: Ferramentas Fundamentais para a Educação das Relações Étnico-Raciais” (2016), nos orientam para o uso da literatura indígena e afro-brasileira como uma ferramenta de combate ao preconceito e racismo que ainda se fazem presentes na sociedade brasileira, assim como também no cenário educacional. Dessa forma, essas leituras tornam-se necessárias para o processo de ensino e aprendizagem, colaborando para o conhecimento e a valorização da história e da cultura dos povos originários. Essas autoras ainda ressaltam a necessidade de educadores/as conhecerem e saber selecionar obras literárias afro-brasileiras e indígenas com temas que sejam capazes de desconstruir os estereótipos que estão enraizados a respeito destes povos, ou seja, elas nos apontam a importância de educadores/as terem um novo posicionamento acerca do ensino de História nos dias atuais, buscando colocar-se no lugar do estudante da cultura originária que sofre discriminações por não corresponderem ao padrão social de beleza que a sociedade exige. Assim, segundo as autoras, é essencial que sejam trabalhados temas que levem as crianças negras e originárias a se identificarem, e que contribuam para que a autoestima dessas crianças seja elevada.

### 3 A LITERATURA INDÍGENA E O ENSINO DE HISTÓRIA

A Lei 11.645 de março de 2008, ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira e Indígena nas escolas brasileiras, colocou em pauta no cenário educacional uma questão que há muito tempo vinha necessitando de uma maior atenção: a visão eurocêntrica e estereotipada sobre a história e a cultura dos povos originários. No entanto, é evidente que a implementação desta lei tenha colaborado para que as escolas e, conseqüentemente, professores/as tomassem conhecimento sobre a importância de desmistificar a visão preconceituosa sobre esses povos que foi transmitida por tantos anos, e, algumas delas, mesmo de maneira lenta, já venham trabalhando no sentido de mostrar outra versão sobre eles. O fato é que a maioria dos professores/as ainda continua realizando suas aulas centradas em abordagens que não condizem com a realidade desses povos.

Para observarmos essa questão, basta atentarmos para o fato de que na maioria das vezes os povos originários só são lembrados no dia 19 de abril, no chamado, de forma errônea e ultrapassada, de “Dia do Índio”. Nas atividades realizadas nas escolas é comum, por exemplo, as crianças serem fantasiadas, ou seja, terem o rosto pintado e usarem adereços e professores/as afirmarem que estão representando os povos originários. Comumente colocam cocar na cabeça da criança e dizem que ela está vestida igual aos povos originários se vestiam no passado. Acreditamos que muitos dos educadores/as que reproduzem essa condição, talvez não tenham ouvido falar, ou não deram a devida atenção à literatura produzida pelos povos originários. Até mesmo no espaço acadêmico notamos que essa literatura ainda é pouco conhecida pelos licenciandos. Essa problemática é apontada por Sueli de Souza e Alcione Pauli, ao questionarem o motivo de continuarmos reproduzindo na escola procedimentos indevidos. Para essas autoras, o maior problema está na má formação dos/as professores/as:

Perguntam-se quantos deles tiveram em suas licenciaturas disciplinas que abordassem as temáticas indígenas e africanas para o devido cumprimento da lei que foi sancionada em 2008. Ou quantos discutem ou refletem em sua formação que indígenas e africanos não são cidadãos pertencentes a um único grupo. Quantos têm noção do número significativo de diferentes etnias que compõem a população indígena e africana, com todas as suas peculiaridades linguísticas, culturais, religiosas, artísticas, e por aí vai (CAGNETI; PAULI, 2015, p. 15).

Sendo assim, a falta de conhecimento sobre a literatura indígena acaba dificultando que as produções de autoria desses sujeitos sejam levadas e discutidas no contexto de sala de aula da educação básica e, no nosso caso, de forma específica, nas aulas de História. Desse

modo, apresentar a história e culturas desses povos a partir de sua perspectiva, ou seja, sobre o ponto de vista dos próprios povos originários, mostrar o lado positivo desses povos é fundamental, pois quando o/a professor/a faz isso oportuniza aos estudantes conhecerem e aprenderem sobre as diversidades étnico-culturais dos povos originários existentes no Brasil. Segundo Silva, o ponto de partida para que isso aconteça, isto é, para que os estudantes tenham contato com a história e cultura dos povos originários de modo crítico, é:

Pensar sempre na atualidade dos povos indígenas. Enfatizando as sócio-diversidades indígenas, desmistificando imagens genéricas do “índio”, da “cultura indígena”. Sociodiversidades definidas como diferentes formas de organizações socioculturais expressas pelos povos indígenas (SILVA, 2017, p. 55).

É necessário transmitir esses conhecimentos aos estudantes para que eles possam compreender e aprendam a refletir sobre as ideias negativas que são disseminadas na sociedade brasileira, como também no contexto escolar, a respeito dos povos originários. Isso porque as transmissões dessas ideias distorcidas levam-nos a acreditarmos que esses povos fazem parte do passado, levando-os a pensar que deixaram de existir ou que são povos atrasados e sem nenhum conhecimento. O que sabemos que não é realidade, há uma grande diversidade de povos originários presentes na sociedade brasileira, esses são formados por diversas etnias e falam várias línguas, as quais estão presentes no nosso dia a dia, como nos exemplifica o escritor Werá Jecupé:

A língua indígena, principalmente a Tupy, por causa dos Tupinambá, está presente em nosso cotidiano: na fauna, na flora, nos topônimos e expressões corriqueiras. Estudiosos verificam, por exemplo, que, de mil nomes de aves, 350 eram de designações tupis, que de 550 peixes, metade é identificada com nomes tupis; e que a geografia brasileira é praticamente batizada com nomes nativos (JECUPÉ, 2020, p. 103)

Desta feita, trabalhar com obras literárias produzidas pelos povos originários nas aulas de História possibilita ao/a professor/a contextualizar a importância desses povos e da sua cultura na construção do Brasil e na formação de sua gente. Isso é necessário para a educação, uma vez que, assim, estaremos colaborando para a construção de uma sociedade menos preconceituosa. Dessa maneira, acreditamos no papel da escola e dos/as educadores/as em trabalhar para que isso aconteça, de modo que possam despertar nos estudantes a conscientização sobre os preconceitos existentes com esses povos. Nesse sentido, Sueli de Souza e Alcione Pauli, ressaltam que:

Possibilitar a discussão dessas obras em sala de aula contribuirá significativamente para a resignação dos olhares sobre o conhecimento dos povos ancestrais e para o entendimento de quem são os indígenas, onde estão, que línguas falam e onde vivem, pois as próprias obras contextualizam muito desses dados (CAGNETI; PAULI, 2015, p. 29).

Nesta perspectiva, a literatura indígena pode fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem de História, à medida que auxilia os estudantes na compreensão sobre a importância e a contribuição que os povos originários tiveram e têm na construção do Brasil e no desenvolvimento do seu povo. Além disso, essa literatura contribui para que haja, em sala de aula, uma aprendizagem de maneira dinâmica, que possibilite aos estudantes aprenderem a respeitar a história e as culturas desses povos. Em relação a essa questão, Thiél afirma que:

Ao inserirmos a literatura na sala de aula, ao contarmos histórias escritas sob a perspectiva das diversas comunidades indígenas aos nossos alunos e, em especial às crianças e jovens, possibilitamos que as leituras funcional e recreativa, reflexiva, inspiradora e formativa sejam promovidas (THIÈL, 2013, p. 1188).

Assim, o estudo de obras originárias, quando inseridas nas aulas de História, pode levar os estudantes a adquirir conhecimento histórico de forma crítica, porque se trata de um conhecimento histórico escrito a partir das perspectivas dos povos originários. Por essa via os estudantes conhecerão o valor desses povos, que por tanto tempo foram relacionados a seres inferiores e incapazes. As obras literárias dos povos originários também abordam temáticas importantes que incentivam a valorização e o respeito à diversidade, o que é fundamental, pois, como afirma a escritora indígena Márcia Kambeba, “conhecer o outro, respeitar sua natureza e a natureza do tempo é fundamental” (KAMBEBA, 2020, p. 91).

No entanto, para que o educador possa trabalhar com essa literatura de forma eficiente, é necessário que esteja atento a determinadas questões. Sobre isso, as autoras Sueli Regina e Camila Nascimento nos orientam que:

Para trabalhar com essa nova e imprescindível temática, é importante que o educador tenha um novo olhar para a literatura e que repense a sua prática docente, bem como as suas escolhas literárias. É importante que o educador se coloque no lugar do outro, em especial no lugar de seus alunos que não correspondem ao padrão de beleza imposto pela sociedade, e perceba o quanto as suas escolhas literárias poderão contribuir para o início de uma sociedade melhor, em que haja mais respeito e tolerância por parte de todos (CORDEIRO; AGUSTINI, 2016, p. 370).

Portanto, é necessário termos um novo posicionamento acerca do ensino de História nos dias atuais. Acreditamos que um dos caminhos é renovar as práticas de ensino em sala de aula, mostrar os acontecimentos sob novos pontos de vista, indo além de uma única versão. Para isso, devemos procurar inserir no contexto de sala de aula outras temáticas, como a literatura de autoria dos povos originários. O/a professor/a que faz isso colabora para que ocorra um processo crítico-reflexivo nos estudantes, que os leva a adquirir uma nova visão sobre os fatos, e possibilita-lhes refletir criticamente sobre outra versão acerca da história dos primeiros habitantes do Brasil, ajudando-os a aprender a valorizar e a respeitar esses povos e suas culturas.

#### **4 PROPOSTA METODOLÓGICA COM AS OBRAS *A CURA DA TERRA* (2015), DE ELIANE POTIGUARA, E *MEU LUGAR NO MUNDO* (2005), DE SULAMI KATY**

A partir do que discutimos no decorrer deste trabalho, apresentamos uma proposta metodológica, ou seja, uma das possibilidades de os/as professores/as trabalharem a literatura indígena nas aulas de História. A nossa proposta está direcionada para os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental II. Embora as narrativas em estudo possam ser trabalhadas com todos os estudantes de qualquer ano escolar. Acreditamos que seja importante para os estudantes terem contato e poderem refletir sobre essa questão em qualquer etapa de sua vida escolar, mas se for no ensino fundamental será melhor, uma vez que prossegue sua trajetória escolar com outra versão sobre a história dos povos originários.

Todavia, a proposta ora apresentada pode ser adaptada de acordo com a realidade de cada turma, professores/as poderão adaptar o tempo de desenvolvimento e outros aspectos que considerarem necessários. Considerando as divisões metodológicas indicadas por Janice Thiél (2012), a nossa proposta foi pensada para ser desenvolvida em três etapas: 1) a etapa da pré-leitura; 2) a etapa da leitura; 3) a etapa da pós-leitura.

Na primeira etapa, propomos que seja realizada a contextualização sobre os povos originários. Para tanto, o educador deve levantar alguns questionamentos com o intuito de saber a visão dos estudantes sobre esses povos, como, por exemplo, “O que vocês sabem sobre os povos originários?”, “No nosso estado existe alguma comunidade remanescente dos povos originários?”, “Na opinião de vocês, esses povos só vivem em comunidades ou também em outros lugares?”. Pressupomos que poucos alunos saibam de outra versão da história dos povos originários, assim, a partir das respostas deles, o/a professor/a pode explicar sobre a

importância desses povos, falar da cultura e das diversidades de etnias, mostrar que cada uma delas possui seus próprios costumes, que se diferenciam umas das outras.

Caso exista comunidade originária na região, discuta com os estudantes sobre tal etnia. No caso da Paraíba, por exemplo, pode-se falar sobre os Potiguara, que vivem na Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, e os Tabajara, que vivem nas cidades do Conde, Alhandra e Pitimbu. Consideramos que é fundamental contextualizar a história dos povos originários no Brasil a partir da realidade mais próxima do estudante. Também pode ser explicado o fato desses povos lutarem cada vez mais para ocupar diversos espaços na sociedade brasileira.

Após essas primeiras discussões, pode-se apresentar, no Datashow ou de forma impressa, imagens de pessoas originárias pertencentes a etnias diferentes e com variadas profissões, tais como as que elencamos:

**Figura 1** – Myrian Krexu – Médica  
(Povo Guarani Mbya)



**Figura 2** – Francisco – Professor  
(Povo Apurinã)



Fonte: <https://comin.org.br/publicacao/jogo-da-memoria-indigenas-e-profissoes/>. Acesso em: Outubro de 2022.

**Figura 3** – Samara – Advogada  
(Povo Pataxó)

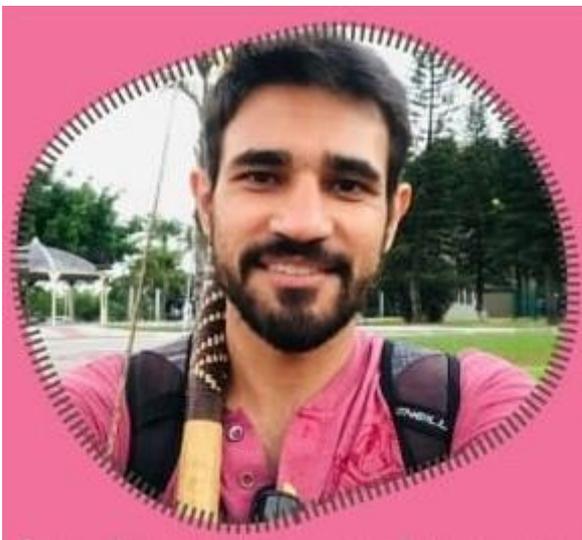


**Figura 4** – Érick – DJ  
(Povo Terena)



Fonte: <https://comin.org.br/publicacao/jogo-da-memoria-indigenas-e-profissoes/>. Acesso em: Outubro de 2022.

**Figura 5** – Ítalo – Cineasta  
(Povo Laklãnõ-Xokleng)



**Figura 6** – Daniel Munduruku – Escritor e professor  
(Povo Munduruku)



Fonte: <https://comin.org.br/publicacao/jogo-da-memoria-indigenas-e-profissoes/>. Acesso em: Outubro de 2022.

**Figura 7** – Eliane Potiguara – Escritora  
(Povo Potiguara)



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641360/eliane-potiguara>. Acesso em: Outubro de 2022.

**Figura 8** – Sulami Katy – Escritora  
(Povo Potiguara)



Fonte: <https://www.livrariamaraca.com.br/produto-tag/sulami-katy/>. Acesso em: Outubro de 2022.

À medida que o/a professor/a for mostrando as imagens pode explicar quem são essas pessoas. A indígena Myrian Krexu, de etnia Guarani Mbya, é a primeira médica cirurgiã cardiovascular indígena do Brasil. Francisco Apurinã é professor pertencente ao povo Apurinã. Samara é advogada de etnia Pataxó. Érick, é ativista, jornalista e Dj, faz parte do povo Terena. Ítalo, é publicitário e cineasta, pertencente ao povo Laklãnõ-Xokleng. Daniel Munduruku é professor, escritor, e um dos maiores divulgadores da literatura indígena brasileira.

Eliane Potiguara e Sulami Katy são escritoras, ambas pertencem a etnia Potiguara. Ao falar com os estudantes sobre as escritoras, é importante dizer que eles conhecerão mais sobre elas e suas obras nas próximas aulas.

Para finalizar essa primeira etapa, o/a professor/a pode propor que os estudantes utilizem o jogo da memória sobre as profissões dos povos originários que está disponível no site do Comin (Conselho de Missão entre os Povos Indígenas)<sup>1</sup>. Os estudantes apreciam os jogos lúdicos, assim, o jogo tornará a aprendizagem deles mais prazerosa. Nesse sentido, é preciso destacar que o educador necessita estar atento à escolha dos materiais que serão utilizados para que não acabem colaborando com a forma estereotipada que os povos originários, muitas vezes, ainda são tratados nas escolas. Para isso, existem sites, como o citado, que podem auxiliar na seleção do material a ser utilizado em sala de aula.

Para a segunda etapa, indicamos que sejam realizada a leitura das obras *A cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara, e *Meu lugar no mundo* (2005), de Sulami Katy. Inicialmente, sugerimos que em uma aula seja feita a leitura da primeira obra. Assim, após fazer a contextualização da autora, é importante que o/a educador/a fale também sobre Soud,<sup>2</sup> o ilustrador da obra. Feito isso, a prática de leitura poderá ser iniciada. Sugerimos que a leitura seja feita em sala de aula e de forma compartilhada, pois acreditamos que dessa maneira há um diálogo maior entre os estudantes. Como também o/a educador/a poderá intervir e esclarecer da melhor maneira possível as dúvidas que surgirem entre eles. Para isso, a obra pode ser projetada através de Datashow ou levada impressa para a sala de aula. Outra sugestão para tornar a aula mais interativa é que os estudantes sejam organizados em círculo.

*A Cura da Terra* é uma narrativa curta, apresenta uma linguagem de fácil compreensão, e, como geralmente ocorre com as narrativas dos povos originários, apresenta ilustrações em sua composição. No enredo dessa obra são abordadas questões muito

<sup>1</sup> Disponível em: <https://comin.org.br/publicacao/jogo-da-memoria-indigenas-e-profissoes/>. Acesso em Setembro de 2022.

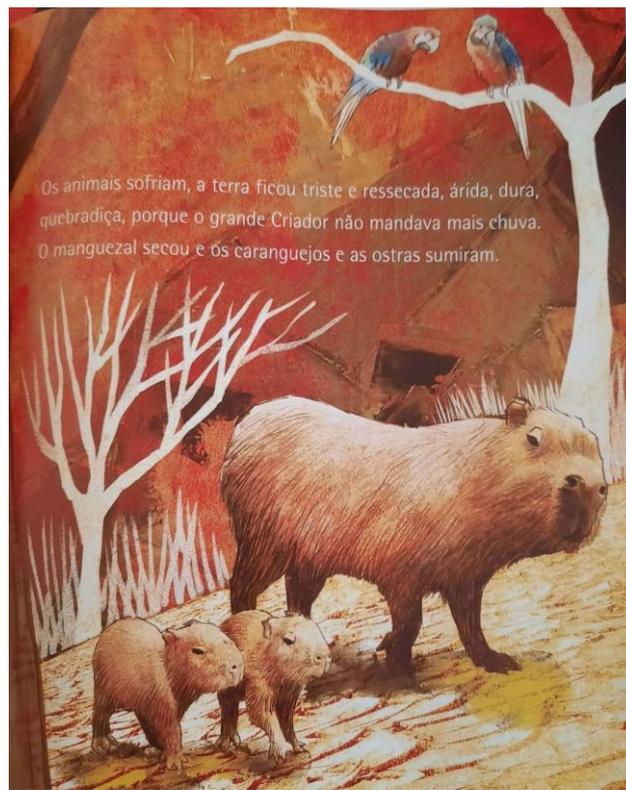
<sup>2</sup> Soud nasceu no Rio de Janeiro, mas vive em São Paulo há muito tempo. Começou sua carreira desenhando histórias em quadrinhos infantis (Cf. POTIGUARA, 2015).

importantes relacionadas ao povo Potiguara e sua cultura que poderão ser discutidas com os estudantes, tais como:

**A importância da Terra:** O/a professor/a pode dialogar com os estudantes e mostrar como os povos originários valorizam a terra. É importante que eles compreendam que para esses povos a terra é muito mais que um espaço a ser ocupado, para eles a terra, que está diretamente ligada à natureza, é um território sagrado.

O povo Potiguara “apresenta uma sensibilidade espiritual para perceber a natureza e seus elementos como sagrado, sentem-se filhos da terra” (SILVA; SOUZA, 2017, p. 206). Dessa forma, conforme esclarece Silva e Souza, eles entendem a ação de determinadas manifestações da natureza como, por exemplo, a seca ou a chuva, como uma forma de punição ou de bênção. Essa questão fica explícita na obra, como podemos notar na seguinte parte:

**Figura 9:** Ilustração da obra I



Fonte: POTIGUARA, 2015, p. 13

No decorrer da discussão, é interessante que os estudantes sejam levados a observar as ilustrações, pois, conforme explica Sueli de Souza e Alcione Pauli, as imagens presentes nos livros dos povos originários são “profundamente significativas, visto que devem ser lidas em

sua amplitude: qualidade, cores, traços, significados, intenções” (CAGNETI; PAULI, 2015, p. 28).

Sobre essa questão, também é pertinente que no decorrer do debate se faça uma relação com a destruição da natureza que vem ocorrendo no nosso planeta, mostrar aos estudantes as consequências desastrosas da ação humana, e a importância de preservarmos o planeta terra.

**Invasão europeia:** Nesse ponto é preciso mostrar que foi o colonizador que invadiu o território do povo Potiguara no século XVI em busca de mais terras, e acabou causando destruições e guerras. Nesse sentido, Silva explica que:

Os bandeirantes eram especializados em caçar indígenas com brutalidade e sem a mínima consideração com os povos que aqui viviam. Como os portugueses se denominavam donos da terra, entravam em aldeias, saqueavam e destruíam roças obrigando os indígenas a trabalhar como escravos (SILVA, 2011, p. 33-34).

No entanto, é fundamental que seja esclarecido que os povos originários não aceitaram de forma passiva a colonização, mas resistiram bravamente à invasão. É preciso que os estudantes compreendam que os Potiguara “carregam consigo uma história de luta que iniciou no século XVI e que se perpetua até o século XXI, configurando-se em novas formas de domínios sobre o seu território” (MENDONÇA; NASCIMENTO; BARCELLOS, 2020, p. 110). Ainda assim, muitos deles permanecem na sua terra, sendo “uma das maiores populações indígenas do Nordeste etnográfico” (BARCELLOS, 2012 apud MENDONÇA; NASCIMENTO; BARCELLOS, 2020, p. 109).

**Ancestralidade e a importância dos mais velhos:** Outra particularidade da cultura originária presente na obra que pode ser debatida é a valorização dos seus ancestrais. Para eles, as pessoas mais velhas carregam consigo o conhecimento e são consideradas sagradas. São essas pessoas que transmitem os ensinamentos. De acordo com Mendonça, Nascimento e Barcellos (2020), são as histórias de vida dos anciãos Potiguara que “lhes colocam em lugar de destaque na vida da comunidade” (p. 125). A figura dos avós também é muito importante para esses povos. Essa questão pode ser relacionada em sala de aula com a importância de os estudantes respeitarem as pessoas mais velhas. Nessa perspectiva, para Sueli de Souza e Alcione Pauli (2015): “Inspirar em sala de aula o olhar para o movimento de escutar e respeitar o saber das pessoas que já viveram mais e que sabem mais em tempos atuais é desafiador, pois nossa sociedade vem caminhando no sentido contrário” (p. 52).

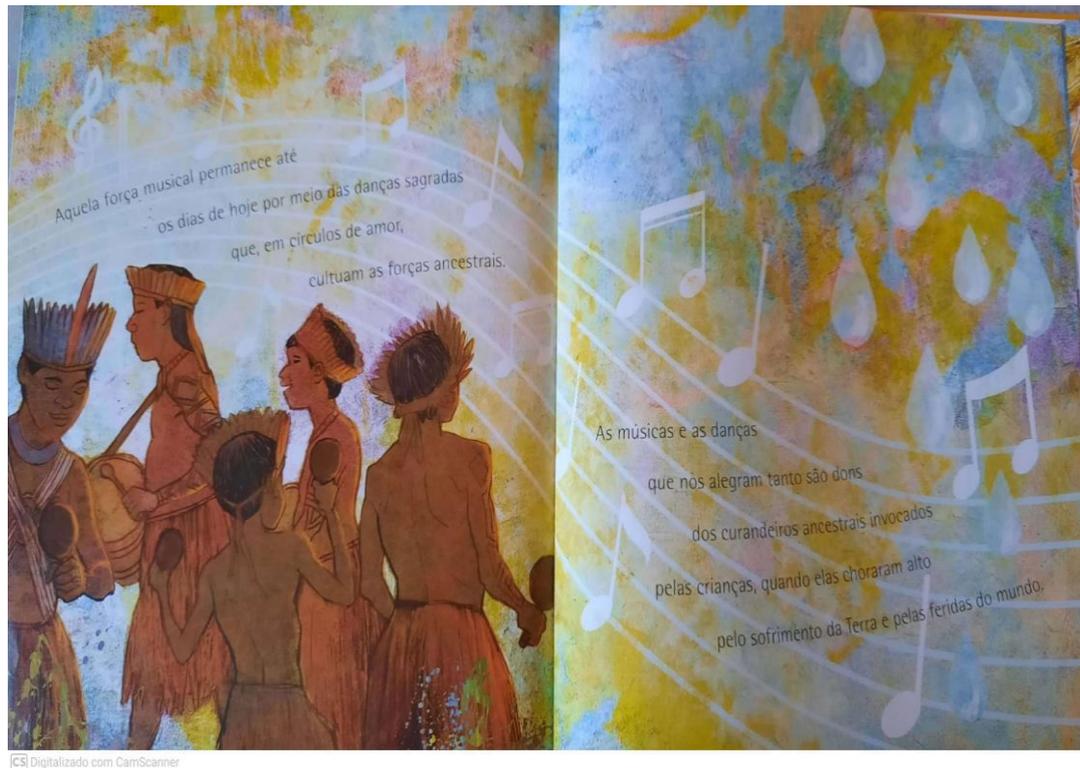
**Mitos e ritos:** Nesta narrativa, assim como na grande maioria das obras de povos originários, estão presentes os mitos e os ritos. Diante disso, é pertinente que seja debatido com os estudantes como eles estão presentes na cultura potiguara. Para isso, o/ professor/a pode esclarecer que existe muitos mitos entre esses povos e citar alguns. Com relação a essa questão, Souza e Silva (2017) destacam que os mitos “mais influentes são entidades encantadas ligadas de algum modo à natureza e com função de protegê-la” (p. 206).

No que diz respeito aos ritos, pode ser explicado que estão muito relacionados com os mitos, pois, como esclarece Sueli de Souza e Alcione Pauli (2015), não existe mito sem o rito, já que “o rito é a única forma de mantermos vivos os mitos. E isso as sociedades ancestrais faziam muito bem. Os ritos de iniciação, de celebração, de despedida, por exemplo, aparecem em muitas das narrativas[...]” (p. 35). De acordo com Souza e Silva:

Os Potiguara apresentam diversos repertórios ritualísticos sagrados em seu cotidiano (SILVA, 2011), desde ritos menores, como a benzedura contra o mau-olhado, a oração como pedido de permissão para entrar na água, para colher as ervas, para caçar e pescar, até ritos maiores, como casamento entre indígenas, funerais e a dança do Toré [...]. A dança do Toré – através de seus cânticos, os instrumentos, a dança, a pintura no corpo, a disposição das pessoas em círculo e sua hierarquia dentro da roda, as vestimentas, as ocasiões em que esse rito acontece, a liturgia que é utilizada e a crença na sua importância – ressalta a relevância desse rito para a preservação da indianidade desses grupos e a garantia de transmissão da identidade cultural através das gerações (SOUZA; SILVA, 2015, p. 210)

Na obra analisada, essa questão é mostrada quando, por exemplo, a avó de Moína lhe fala sobre a força musical e as danças sagradas, como podemos conferir no seguinte fragmento: “Aquele força musical permanece até os dias de hoje por meio das danças sagradas que, em círculos de amor, cultuam as forças ancestrais” (POTIGUARA, 2015, p. 24). No livro é narrado ainda que “As músicas e as danças que nos alegram tanto são dons dos curandeiros ancestrais invocados pelas crianças, quando elas choram alto pelo sofrimento da terra e pelas feridas do mundo” (POTIGUARA, 2015, p. 24).

**Figura 10:** Ilustração da obra II



Fonte: POTIGUARA, 2015, p. 24-25

Assim, para finalizar a discussão desta obra, o/a professor/a pode levar os estudantes a refletirem sobre como na narrativa há um exercício de revisitar acontecimentos do passado para incentivar a construção de um futuro melhor, mostrar o poder de transformação que existe nas crianças, e que também pode existir em cada um deles, pois através de suas atitudes eles são capazes de proporcionar mudanças no mundo e colaborar com “A cura da Terra”.

Após a leitura e discussão dessa obra, em um segundo momento, que deverá ocorrer em outra aula, propomos que seja realizada a leitura do livro *Meu Lugar no mundo* (2005), de Sulami Katy. Assim como ocorreu com a primeira obra, sugerimos que inicialmente se faça uma breve contextualização sobre a autora e sobre o ilustrador Fernando Vilela<sup>3</sup>. Além disso, é importante que seja destacada a colaboração dos autores Heloisa Prieto<sup>4</sup> e Daniel Munduruku que tiveram participação na obra. O/a professor/a também pode usar os recursos de Datashow para que seja realizada uma leitura compartilhada ou optar pela impressão da obra.

<sup>3</sup> Fernando Vilela é um artista plástico paulistano muito envolvido com a cultura indígena (Cf. KATY, 2008).

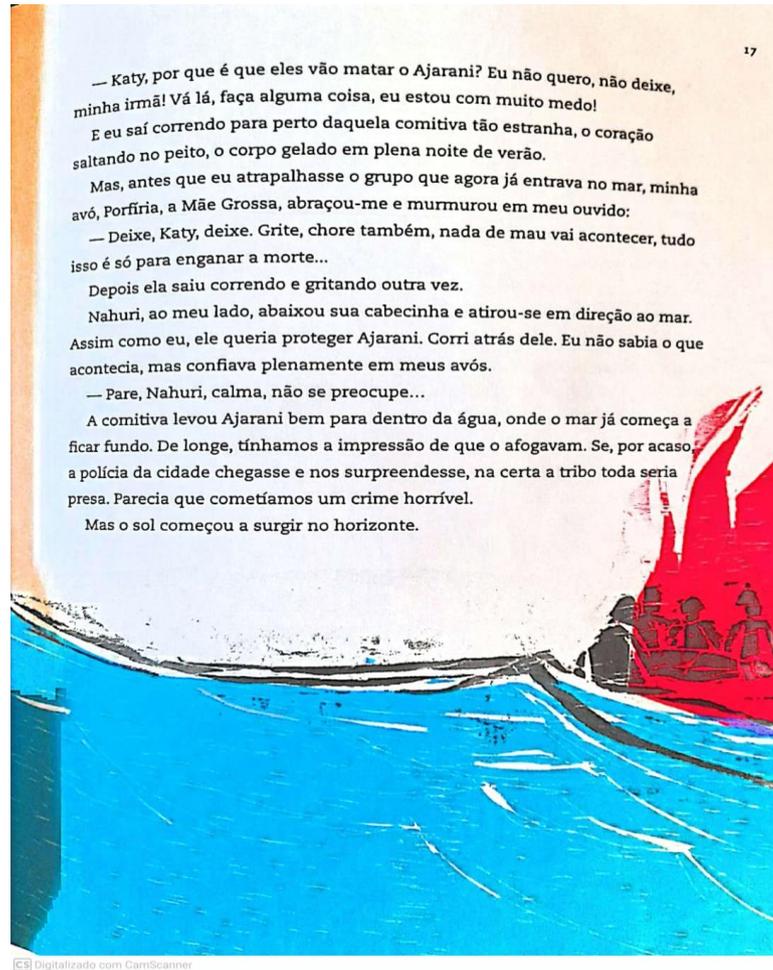
<sup>4</sup> Heloisa Prieto é escritora e tradutora. Publicou dezenas de livros, dentre eles as coleções Cidadão-Aprendiz e Melhores Amigos. Desde pequena se interessa pela cultura indígena.

Embora apresente outro enredo, esse livro possui semelhanças com *A cura da Terra* (2015), pois as duas autoras, como vimos, pertencem a etnia Potiguara, logo, seus costumes e crenças, ainda que sejam contados de formas diferentes são os mesmos. Nesse sentido, consideramos que esse seja um ponto positivo, pois os estudantes ao realizarem a leitura desta narrativa já estarão familiarizados com a cultura desses povos.

Dessa forma, antes de ser iniciada a leitura, sugerimos que sejam feitos alguns questionamentos aos estudantes a partir do próprio título da obra, tais como: “Na opinião de vocês, sobre o que tratará essa história?”, “O que o título sugere?”, “Vocês acham que todos nós temos um lugar no mundo?”, “Qual é o seu lugar no mundo?”, “E os povos originários? Vocês acham que eles possuem apenas um lugar no mundo?”. Com base nessas perguntas, pretende-se desmistificar a ideia de que os povos originários vivem apenas nas comunidades rurais, é preciso que os estudantes compreendam que estão em todas as partes da cidade. Eles estudam, trabalham, e possuem uma vida comum, mas sem deixar de lado a sua cultura e as suas crenças. Essas questões ficarão mais explícitas quando os estudantes realizarem a leitura do livro.

Realizada a leitura da obra, o/a professor/a poderá perguntar aos estudantes se eles encontraram alguma semelhança com *A cura da Terra* (2015). Pressupõe-se que eles identifiquem que determinadas temáticas abordadas na primeira narrativa lida também estão presentes em *Meu lugar no mundo* (2005), como, por exemplo, as histórias, os ensinamentos e os ritos de seu povo. Um fato interessante nesse livro é que no decorrer da narrativa, a própria personagem explica os costumes presentes na sua cultura, o que acaba tornando mais compreensível para os estudantes. Dentre os ritos que ela aborda está presente o ritual da serração. Na narrativa é a avó de Sulami, chamada Porfíria, a Mãe Grossa, que explica o ritual. Ele era organizado pelo seu povo quando tinham sonhos e pressentimentos que a morte estava rondando a aldeia, com o intuito de enganá-la e afastá-la, e deixá-los livres de doenças e mazelas, simulavam a morte de um dos integrantes da comunidade. Vejamos uma parte da obra que ilustra esse momento:

**Figura 11:** Ilustração da obra III



KATY, 2008, p. 17.

Outro aspecto que também é discutido nessa narrativa refere-se à importância dos mais velhos. Em constante diálogo com os avós, Ubirajara, o Pai Grosso, a que todos chamavam de “o sábio”, e a Mãe Grossa, a personagem demonstra que eles, assim como outros idosos eram os portadores de conhecimentos e transmitiam para os mais jovens, de modo que fosse possível manter viva a sua cultura. Como podemos verificar no seguinte fragmento:

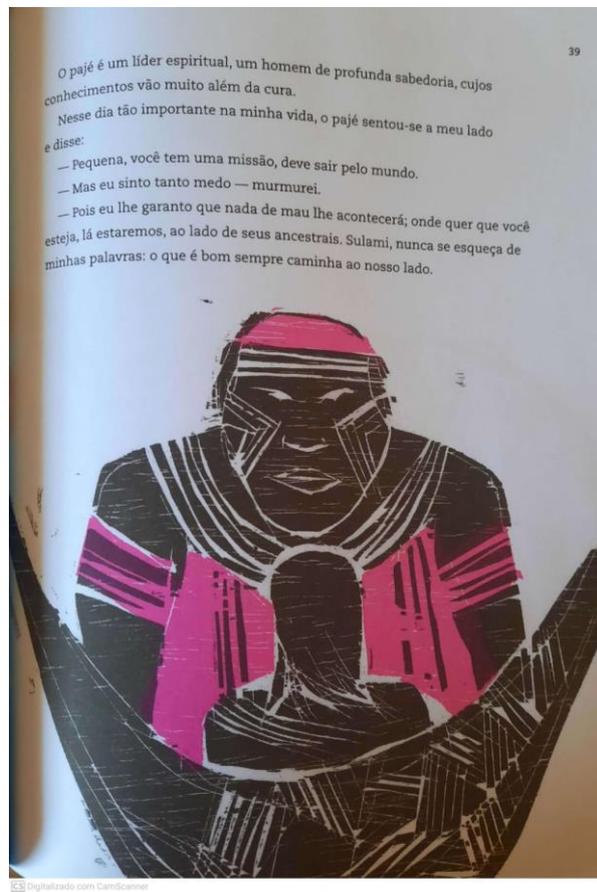
Tanto na vida dos jovens índios quanto na dos não índios existem sempre muitas dúvidas e dificuldades a vencer.

Sabendo disso, a função do velho sábio é nos encorajar, transmitindo a certeza de que, no final, tudo acabará bem.

— É preciso haver sempre uma troca, Katy. Os jovens conversam com os velhos para encontrar seus caminhos e cumprir sua missão. E os velhos precisam dos jovens para que sua sabedoria jamais seja esquecida. Sem nós, os mais velhos, com nossos conselhos e histórias, o jovem custa muito para descobrir a força de seu espírito — ensinou minha avó, Mãe Grossa (KATY, 2008, p. 23).

Ainda relacionado aos mais velhos, a narrativa possibilita discutir sobre a importância das rezadeiras e do pajé para os povos originários. Sulami explica que “Entre os potiguaras, as mulheres ainda cedo aprendem a fazer remédios, são as donas das ervas” (KATY, 2008, p. 38). Já o pajé “é um líder espiritual, um homem de profunda sabedoria, cujos conhecimentos vão muito além da cura” (KATY, 2008, p. 39). Com relação a esse ponto, é preciso que o professor problematize a concepção da autora, esclarecendo aos alunos que também existem pajés mulheres. Posto isto, observemos a ilustração da obra:

**Figura 12:** Ilustração da obra IV



KATY, 2008, p. 39.

Outras questões da cultura dos povos originários tratadas na obra que podem ser abordadas com os estudantes é sobre os alimentos, como a mandioca, e a importância dos animais. Além dessas temáticas, que poderão ser enfatizadas, essa obra também aborda temas que não estão presentes na primeira narrativa proposta para ser lida, tais como:

**Estereótipos e preconceito contra os indígenas:** No decorrer da trama, a personagem fala a respeito da experiência de quando mudou da aldeia para a cidade de Campina Grande

para poder estudar, destaca o preconceito que sofreu nessa cidade. Na escola, vivenciou situações que a deixavam triste, como quando riam dos seus brincos de penas, ou das roupas que costumava usar, ouvia comentários como “ – Ih! Se os passarinhos te encontrarem, vão te levar pela orelha! (KATY, 2008, p. 33), “ – Por que é que índio haveria de rir? Vocês duas, por exemplo, tão pobres e miseráveis, atrasadas que só vendo...”(KATY, 2008, p. 37). O/a educador/a pode discutir esse ponto com os estudantes, desmistificar a imagem que foi construída pelos europeus a respeito dos povos originários, incentivando-os a refletirem criticamente sobre os preconceitos que ainda sofrem nos dias atuais.

**Questões de gênero:** Em alguns momentos da narrativa é possível verificar que são abordados determinados pontos que possibilitam tratar sobre as questões de gênero. Um desses momentos ocorre na parte “Histórias que dão água na boca”, na qual é narrado o momento que o Pai Grosso, avô de Sulami, aparece na aldeia vestido com um casaco de lã cor de rosa. Diante daquela cena que causava o riso das pessoas, o velho sábio demonstra sua sabedoria enfatizando que cor de roupa não tem gênero:

Meu avô, o velho sábio, nosso conselheiro, nosso melhor contador de histórias, vestido com um casaquinho de lã grossa, cor-de-rosa, por cima dos colares e do peito nu.

– Eta, vô, pronto! O senhor endoidou, isso aí é casaco de mulher branca! Olha só, tem até renda na manga! Onde foi que o senhor arranjou isso?

– E não é bonitinho? – ele dizia, dando risadas. – Quem trouxe o casaco foi a professora que veio visitar a aldeia. Ela deu a roupa pra Mãe Grossa, mas eu tomei para mim. Eu não sou mulher nem sou branco, mas gostei do casaco, ele é bom pra caçar, espinho não machuca e bicho não pica a pele. Vou ficar com ele até acabar.

E os outros índios, que já conheciam a teimosia de meu avô, a cidade e a moda das moças de lá, riam sem parar.

– Ê, Pai Grosso – disse Suriá –, rosa é cor de mulher!!!

– Desde quando cor de flor é de homem ou de mulher? Flor é de todo mundo...Ai, quanta besteira! (KATY, 2008, p. 22).

Esse ponto também é enfatizado quando Sulami esclarece que, diferente da cidade, na aldeia em que ela viveu, não havia diferenças entre os meninos e as meninas, pois todos participavam das mesmas brincadeiras, sem divisões ou distinções por gênero, as crianças jogavam bola, subiam em árvores, nadavam no rio, dentre outras diversões. Ainda no que se refere a essa questão, pode-se pontuar também que na cultura indígena as mulheres possuem uma certa liberdade no que tange ao casamento. Na obra é mostrado que “casar na aldeia é uma coisa muito simples. Quando o casal já está firme no namoro, o jovem convida a garota para viver com ele, na casa de seus pais. Ou o contrário acontece: a garota é quem leva o

namorado para a casa de sua família” (KATY, 2008, p. 30). Como também “se, por acaso, houver uma separação, é vista com naturalidade. Não temos problemas em criar filhos de outras mulheres. Entre os potiguaras, o amor é o mais importante” (KATY, 2008, p. 30).

**Os povos originários em outros espaços:** No decorrer da narrativa, vemos que Sulami desde criança sentia vontade de viajar e conhecer outros lugares. Esse desejo era sempre questionado pela avó, pois achava que a cidade grande não era “coisa boa para jovens índias” (KATY, 2008, p. 51). A Mãe Grossa sempre lembrava para a neta a história do Albino, um rapaz que vivia na aldeia, e que resolveu partir para a cidade, mas nesse novo espaço se transformou em um mendigo e bêbado, infeliz e sem ter coragem de retornar para o seu lugar de origem, preferiu se matar. Diz a lenda que o seu espírito ficou vagando pelo mato da aldeia à procura de descanso. Mesmo com essas histórias contadas pela avó, a personagem não deixava de lado o desejo de conhecer a cidade grande, sonhava constantemente e sentia que estava predestinada à missão de ir para São Paulo divulgar a sua cultura, o que acabou acontecendo quando, em um evento ocorrido em Campina Grande, ela conheceu o escritor Daniel Munduruku que a convidou para participar do projeto que desenvolvia com as crianças da cidade, dando palestras, divulgando sua dança e artesanato. Em São Paulo, a personagem enfrentou dificuldades na sua adaptação, mas também colaborou para desconstruir a imagem negativa que as pessoas tinham em relação ao seu povo. Vejamos:

Nos lugares em que eu trabalhava, sempre havia muita gente perguntando sobre nossa maneira de viver e muitas dessas perguntas eram bem engraçadas.

Um dia, estávamos sentados esperando o início de uma apresentação. Um rapaz chegou e, ao ver aquele bando de índios pintados e cheios de adornos, perguntou à coordenadora do evento se poderia aproximar-se de nós.

Ela respondeu que sim.

Meio desconfiado, ele veio até mim:

– Vocês falam?

No início não entendi a pergunta. Finalmente compreendi o que ele queria saber e respondi:

– Claro, se até papagaio fala, porque nós não haveríamos de falar?

Ele me olhou abismado e explicou a indagação:

– Desculpe, é que eu não entendo nada de índio e achava que vocês só faziam aqueles barulhos diferentes!

– Aquilo não são barulho, moço, é apenas uma outra língua – esclareci.

Demos risadas do que o rapaz havia dito, mas foi graças a esse tipo de pergunta que finalmente compreendi a importância da minha viagem a São Paulo (KATY, 2008, p. 54-55).

Essa questão pode ser enfatizada pelo/a educador/a, de modo que os estudantes possam refletir sobre como é importante a presença dos povos originários em outros espaços.

É possível mostrar que nos dias atuais é muito comum a saída desses povos das suas aldeias em busca de outros conhecimentos, e que eles vêm, por exemplo, a cada dia mais, estudando, se profissionalizando, e retornando para as suas aldeias buscando transmitir os conhecimentos adquiridos. Como acontece com Katy na narrativa: “Entre todas as coisas que aprendi ao sair da minha aldeia, a escrita foi a que mais apreciei. Considero os livros como elos entre os mundos. Pela leitura eu pude compreender a existência de muitos povos e culturas diferentes espalhados por todo o planeta” (KATY, 2008, p. 57).

Para finalizar essa segunda etapa da proposta, após a leitura e discussão desse livro, o/a professor/a poderá passar um vídeo de uma palestra concedida pela autora durante a III Jornada Literária de Capinzal, organizada pela Secretaria Municipal da Educação, Cultura e Esporte, de Capinzal, Santa Catarina<sup>5</sup>. Sugere-se que o vídeo seja passado no final para que não condicione a leitura dos estudantes. Esse vídeo é interessante, pois ela faz um relato sobre a sua vida e sobre o livro estudado, o que poderá fazer com que os estudantes compreendam ainda mais os temas abordados.

Para a terceira etapa, indicamos que seja realizada uma atividade de produção. O/a professor/a poderá orientar os estudantes para que desenvolvam um trabalho em grupo, e sugerir que cada grupo escolha um dos temas tratados nas obras lidas, faça uma pesquisa e monte uma apresentação. Para isso, poderão confeccionar cartazes, usar outros recursos, como, por exemplo, fazer uma apresentação sobre os alimentos presentes na cultura do povo Potiguara levando os próprios alimentos. Nessa etapa, esclarecemos que é importante que os alunos sejam orientados pelo/a professor/a para não tratarem a questão de forma estereotipada. Feito isso, sugerimos que seja realizada a divulgação das produções, para tanto, as apresentações podem ser abertas para o público da escola, podendo ocorrer no pátio ou na própria sala de aula.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Alguns séculos se passaram após a colonização europeia e continuamos vendo, de forma assustadora, os povos originários sendo atacados de diversas formas. Constantemente são mortos e têm os seus direitos mais básicos negados, são impedidos de ter acesso à saúde de qualidade, à educação, a cultivarem e a viverem em paz nas suas próprias terras. Diante desse cenário, é notório que esses povos vêm resistindo e lutando diariamente para que essa

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0DH6TLx7L5c>. Acesso em: agosto de 2022.

realidade seja mudada. No entanto, é urgente que os sujeitos não indígenas se engajem cada vez mais nessa causa. É preciso compreender que essa luta também é nossa, há uma reparação histórica a ser feita e nós não podemos nos omitir.

Desse modo, compreendemos que os/as educadores/as, enquanto sujeitos transmissores de conhecimento, podem contribuir de forma significativa para que essa mudança aconteça. Para isso, é preciso que estejam dispostos a buscar novas estratégias, de modo que o ensino da história e culturas originárias se distancie daquele tradicionalmente presente nas aulas de História. Por isso, no decorrer deste trabalho, apresentamos algumas possibilidades que podem ser trabalhadas nas aulas de História utilizando como recurso metodológico as obras literárias escritas por autoras originárias.

A literatura indígena, como vimos, ao abordar a história e as culturas dos povos originários a partir de um novo ponto de vista, o de “dentro”, ou seja, daqueles que possuem propriedade para falar sobre o assunto, possibilita aos estudantes conhecer uma nova versão, ajudando-os a ativar o senso crítico. Além disso, por ser um recurso que tende a ser prazeroso facilitará no processo de ensino e aprendizagem.

As obras *A Cura da Terra* e *Meu Lugar no Mundo*, propostas neste estudo para serem trabalhadas em sala de aula, abordam diversos temas que tornam possíveis discutir com os estudantes do ensino fundamental II. Assim, a proposta que apresentamos foi apenas uma das variadas possibilidades que existem de trabalhar essas narrativas. Salientamos, portanto, que cabe aos/as professores/as usá-la, adaptá-la, ampliá-la, ou até mesmo ir em busca de novos livros escritos por outros autores e autoras dos povos originários, de modo que sejam trabalhados em suas aulas. O importante é que essa literatura e o que ela apresenta cheguem até aos estudantes e colabore para que haja transformação social.

Ademais, sabemos que desconstruir as imagens estereotipadas que foram tradicionalmente construídas sobre os povos originários não é uma tarefa simples, mas acreditamos que é possível, basta que cada um de nós se empenhe e faça a sua parte. Esperamos, assim, que com este trabalho, possamos colaborar para que haja maior visibilidade da literatura produzida por esses povos, e que os estudantes, diferente do que aconteceu comigo e com tantos outros estudantes, possam conhecer, ainda na educação básica, outra versão da história dos povos originários, e reconhecer que a sua força e resistência perduram até os dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

- CAGNETI, Sueli de Souza; PAULI, Alcione. **Trilhas Literárias Indígenas para a Sala de Aula**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CORDEIRO, Camila Nascimento; AGUSTINI, Sueli Regina. Literatura Afro-Brasileira e Indígena: Ferramentas Fundamentais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. **Augusto Guzo Revista Acadêmica**. São Paulo, v. 1, n. 18, 2016, p. 367-375. Disponível em: [http://www.fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/414](http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/414). Acesso em: Junho de 2022.
- GRAUNA, Graça. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**. v. 15. n. 25, 2012, p. 266-276. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3357>. Acesso em: Junho de 2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas 2002.
- JECUPÉ, Kaká Werá. **A Terra dos Mil Povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. Ilustrado por Taisa Borges. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2020
- KATY, Sulami. **Meu Lugar no Mundo**. Ilustrações de Fernando Vilela. 1 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. O olhar da palavra: Escrita de resistência. In.: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, p. 89-97.
- MENDONÇA, Joselma Bianca Silva de Souza; NASCIMENTO, José Mateus do; BARCELLOS, Lusival Antonio. Etnoeducação Potiguara: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. **Religare**. v.17, p.105-140, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/52438>. Acesso em: Outubro de 2022.
- MUNDURUKU, Daniel. A literatura indígena não é subalterna. **Itaú Cultural**. 2018. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna>. Acesso em: Agosto de 2022.
- POTIGUARA, Eliane. **A Cura da Terra**. Ilustrações Soud. 1 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.
- POTIGUARA, Eliane. Sobre a escritora. **Site oficial de Eliane Potiguara**. Disponível em: <http://www.elianepotiguara.org.br/>. Acesso em: Junho de 2022
- SILVA, Anne Emanuelle Cipriano; SOUSA, José Rodrigo Gomes. O mito e o rito na espiritualidade indígena: uma visão a partir dos Potiguara e Tabajara da Paraíba. **Diversidade Religiosa**. João Pessoa, v. 7, n. 1, 2017, p. 202, 215. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/32295>. Acesso em: Outubro de 2022.

SILVA, Almir Batista da. **Religiosidade Potiguara:** Tradição e ressignificação de rituais na aldeia São Francisco Baía da Traição – PB. 2011. 148 f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Edson Hely. Os índios na História e o ensino de História: avanços e desafios. **História, Histórias.** V. 5, n. 9, 2017. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo3091103-os-%C3%ADndios-na-hist%C3%B3ria-e-o-ensino-de-hist%C3%B3ria-avan%C3%A7os-e-desafios#](https://redib.org/Record/oai_articulo3091103-os-%C3%ADndios-na-hist%C3%B3ria-e-o-ensino-de-hist%C3%B3ria-avan%C3%A7os-e-desafios#). Acesso em: Agosto de 2022.

THIÉL, Janice Cristine. A Literatura dos Povos Indígenas e a formação do Leitor Multicultural. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: Outubro de 2022.

THIÉL, Janice Cristiane. **Pele Silenciosa, Pele Sonora:** a literatura indígena em destaque. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.